

ANTÓNIO DOS SANTOS ROCHA († 1910)

## NOTÍCIAS ARQUEOLÓGICAS

### EXPLICAÇÃO PREVIA

Recentemente chegou-nos às mãos um apreciável núcleo de manuscritos do Dr. António dos Santos Rocha — comunicações que ele havia preparado para apresentar, na XV Sessão Plenária da Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz, de que era patrono, marcada para Abril de 1910, a qual não chegou a realizar-se, porque a morte o surpreendeu em 30 de Março desse ano. E logo me ocorreu dar a merecida publicidade a esse precioso acervo.

Aquela Sociedade, com Estatutos aprovados por Alvará do Governo Civil de Coimbra, de 4 de Fevereiro de 1898, destinava-se, a um tempo, ao estudo dos diversos ramos das ciências arqueológicas e a auxiliar o desenvolvimento do Museu Municipal da Figueira da Foz, aberto ao público desde 5 de Maio de 1894, tendo cumprido de modo eficiente e relevante a sua finalidade.

Isto mesmo se infere do seu Boletim, pletórico de estudos notáveis, de arqueologia, história e etnografia, verdadeiro *Compte-Rendu* das suas Sessões Plenárias, em número de 14 — a 1.ª em 19 de Março de 1898, e a última, em 7 de Março de 1909 — realizadas, normalmente, no Salão Nobre da Câmara Municipal, de que o Dr. Santos Rocha foi, largos anos, operoso Presidente

Com a sua morte, a Sociedade Arqueológica, de que ele era a alma-mater, extinguiu-se.

Como dar, então, realidade ao meu objectivo, honrando a veneranda memória do Autor daquelas comunicações?

Ouvido, a este respeito, o Senhor Professor Doutor D. Fernando de Almeida, logo este me franqueou as páginas do seu «Arqueólogo Português», cuja 1.ª Série (Ano I a XIV) o Dr. Santos Rocha honrara, largamente, com a sua douda colaboração.

Registando, de ânimo gratíssimo, tão gentil deferência, inicio, hoje a publicação dos citados artigos que, sem embargo da distância da época em que foram escritos, ainda hoje são, em muito, válidos, bem merecendo divulgação.

Honra-se, assim, de novo a memória do Dr. Santos Rocha, um dos grandes da Arqueologia Portuguesa, e, desta vez, na feliz coincidência do ano comemorativo das Bodas de Diamante do «Museu Municipal» que ele legou à cidade da Figueira da Foz, que se ufana de ter sido seu berço.

Mantém-se a ortografia dos originais e anotar-se-ão as passagens, que obriguem a esclarecimentos.

Dezembro de 1969.

A. Vítor Guerra

## I

### FUNDOS DE CABANAS NEOLITHICAS

Junto ao theatro de Brenha, em um quintal de Jozé d'Oliveira Cardoso (<sup>1</sup>), abrindo-se excavação para um poço ou deposito d'agua, encontrou-se a 2<sup>m</sup> de profundidade uma camada de terra negra e gordurosa, com a espessura de 0.<sup>m</sup>60 aproximadamente, contendo carvões vegetais e alguns fragmentos de ceramica.

Esta camada foi destruida antes de nós termos noticia do facto; e apenas pudemos obter uma amostra da terra negra e poucos fragmentos d'um vaso de barro.

Mandámos depois proceder a uma sondagem ao lado d'aquella excavação, proximo da casa do dicto Cardoso; e verificou-se que a camada negra, reduzida a insignificante espessura, se extinguiu alli, fornecendo-nos fragmentos ceramicos semelhantes aos recolhidos anteriormente.

Examinando estes restos, depois de lavados e secos, não duvidámos, pelo aspecto, natureza, espessura e dureza da pasta, que todas pertenciam a um mesmo vaso.

Esta peça, que devia ter dimensões consideraveis, era ornada externamente com um filete em relevo, guarnecido de impressões transversaes, provavelmente feitas com o dedo (Fig. 1).

A pasta arenosa, com mistura d'algum spatho calcareo moido, muito grosseira e mal cosida, vermelha na superficie externa e anegada na superficie interna, é trabalhada á mão, apresentando assim os caracteres que temos encontrado nas louças neolithicas da região.

---

(<sup>1</sup>) Hoje, este quintal, a 50 m. ao N. do Teatro de Brenha — Teatro Taborda, sede da Troupe Recreativa Brenhense — pertence a Luísa de Oliveira Santos.

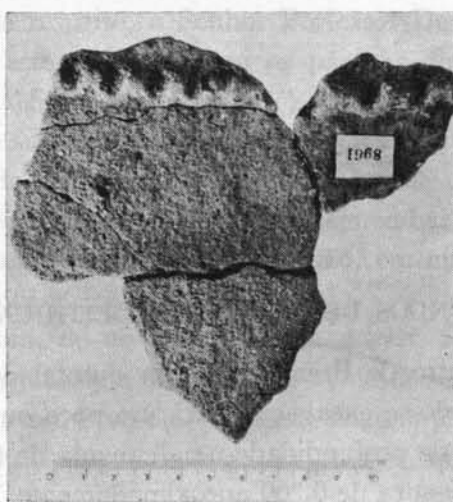


Fig. 1

Os filetes em relevo, lizos ou decorados com incisões, já nos haviam aparecido na estação neolítica da Varzea do Lirio <sup>(2)</sup>, mas a sua decoração com impressões digitaes, bem caracterizadas, só na caverna da Fornea, em Alcaria (Porto de Moz) <sup>(3)</sup>.

Estes filetes, ornamentados com incisões ou impressões, encontram-se em outros paizes, como a Hespanha, França e Itália, segundo notámos em outro lugar, e ainda em regiões mais longinquas, como a Palestina <sup>(4)</sup>.

<sup>(2)</sup> A esta estação humana, descoberta pelo Dr. Santos Rocha, situada a 770 metros W. 100 graus W. do marco geodésico das Alhadas, se refere ele pela primeira vez, numa carta dirigida à Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra, em 1886, da qual extractamos este passo: «acabo de me confirmar na descoberta de um dos lugares, onde estacionou o povo ou tribo, que provávelmente construiu as antas das vizinhanças de Brenha. É a Várzea do Lirio. In «Instituto», Coimbra, Vol. XXXIV, p. 424, 1887.

Mais tarde, dá conta exhaustiva desta notável exploração, na obra — «Antiguidades Pré-Históricas do Concelho da Figueira» — 1888, reeditada pela *Acta Universitatis Conimbrigenis*, Vol. I, das Memórias e Explorações Arqueológicas do Dr. António dos Santos Rocha, 1949, pp. 74, 212, 348, com estampas.

<sup>(3)</sup> Ver comunicação — *A Caverna Fornea* — apresentada pelo A., na 9.ª Sessão Plenária da Sociedade Arqueológica Santos Rocha, realizada no dia 9 de Outubro de 1904, sob a presidência do Dr. Cristiano Mendes Calado, in *Boletim da S. A. S. R.*, p. 146 a 149.

<sup>(4)</sup> A citação é do Dr. Santos Rocha. Trata-se da obra do P.º Hugues Vincent — «Canaan d'après l'Exploration Récente — 1907, e as figuras referidas encontram-se, respectivamente, a pp. 308 e 310.

A 200 metros para O do dolmen arruinado da Mama do Furo <sup>(5)</sup>, nas visinhanças do Casal da Serra de Santa Marinha, não muito longe da capelinha de Santo Amaro, encontrámos outro fundo da cabana, arredondado, com o diametro de 2 metros.

Era uma ligeira excavação no solo, cheia de terra negra, contendo muitas pedras pequenas, algumas das quaes pareciam cercar a excavação.

Notámos no entulho a presença de migalhas de carvão vegetal; e recolhemos varios fragmentos de ceramica, trabalhada á mão, com os caracteres da louça neolithica da região. Um d'elles apresenta uma forte saliencia, indicando uma asa rudimentar.

A descoberta de fundos de cabanas neolithicas em Portugal é muito para notar pela sua variedade. Nós apenas conheciamos as de Monte Gordo, na freguezia das Alhadas, onde existiu uma verdadeira aldeia <sup>(6)</sup>.

---

<sup>(5)</sup> Santos Rocha noticia pela primeira vez este megálito — Mama do Furo — que dá o nome ao local e se situa a 1620 metros E N E, 77 graus W do marco geodésico da Vela, numa nota — «Explorações Arquelógicas» —, datada de 17 de Setembro de 1890 e inserta na «Revista de Ciências Naturais e Sociais», da Sociedade Carlos Ribeiro, Porto, II, pp. 85-86.

Mais tarde, dá pormenorizado relato desta descoberta, no periódico «Correspondência da Figueira», de que, ao tempo, era responsável, XVI (23), de 19 de Março de 1891, e na citada obra — «Antiguidades Pré-Históricas do Concelho da Figueira» — 1949, p. 184, com estampa.

<sup>(6)</sup> Ver «Materiais para o Estudo do Neolítico no Concelho da Figueira — Estação Humana de Monte Gordo», por Pedro Belchior da Cruz, in Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha, p. 51 e sg.<sup>tes</sup>, comunicação apresentada pelo A., na 6.<sup>a</sup> Sessão desta Sociedade, realizada em 13 de Outubro de 1901, sob a presidência de Manuel José de Sousa.

Já meses antes, na «Gazeta da Figueira», X (943) de 9 de Março de 1901, decerto pela pena do Dr. Santos Rocha se faz o reconhecimento daquele povoado — «Uma Aldeia da Idade da Pedra» — classificando tal descoberta de «um alcance considerável, porque os fundos de cabanas neolíticas reconhecidas em Portugal são raras».

Ainda hoje não são muitos os estudos de especialização de fundos de cabanas, permitindo-nos, por isso, chamar a atenção dos interessados para os seguintes trabalhos: «Estação Pré-histórica da Penha Verde (Sintra)» por G. Zbyszewski e Veiga Ferreira, Lisboa, 1958, «Le Gisement Mésolithique de Moita do Sebastião (Muge - Portugal)» por Abbé Jean Roche, Lisboa, 1960, p. 92 e sg.<sup>tes</sup>; e, mais recentemente, para «Les Fouilles Récentes dans les Amas Coquilliers Mésolithiques de Muge (1952-1965)» por Abbé Jean Roche e Dr. Veiga Ferreira, in «O Arqueólogo Português», 1967, vol. I Série III, pp. 19 a 41.

## II

### UM VASO NEOLITHICO DA SERRA DO CABO MONDEGO

Nas nossas Antiguidades Prehistóricas do Concelho da Figueira (1), tratando do megalitho do Praso, pertencente á grande necropole neolithica da Serra do Cabo do Mondego, escrevemos o seguinte: — «A destruição do monumento foi obra dos lusitanos em epocha anterior á romana. Sobre o monumento deixaram elles um vaso fragmentado, feito á mão, que tem similares na ceramica indigena dos castros luso-romanos da região. Este vaso estava coberto por uma camada de terra vegetal com a espessura de 0,<sup>m</sup> 15 a 0,<sup>m</sup> 20, que se formara sobre o entulho amarellado do *tumulus*».

Assim nós attribuímos este vaso aos profanadores do monumento e supusemos que elles seriam anteriores aos romanos, pela sua semelhança com a ceramica do typo primitivo dos castros *luso-romanos* da região.

Esta semelhança foi apreciada simplesmente pela comparação dos fragmentos achados com alguns recolhidos no Castro, estação proxima, que então supunhamos luso-romana, e sob a impressão de que em outro megalitho profanado da mesma necropole se haviam encontrado fragmentos ceramicos que se approximavam de modo notavel dos desta estação.

Posteriormente, porém, o prosseguimento da exploração do Crasto veio demonstrar-nos que esta estação era pre-romana, da segunda idade do ferro; e a restauração da maior parte do nosso vaso, assim como a dos vasos de typo primitivo da mesma estação, produzi-

---

(1) Edição de 1949, p. 300.

ram em nós a convicção de que nos havíamos enganado, também quanto á semelhança d'esta ceramica

De facto, na louça de typo primitivo do Crasto, que conseguimos restaurar, e até na de Santa Olaya, ambas contemporaneas não nos appareceu forma precisamente egual á do vaso do megalitho do Praso, nem azas rudimentares eguaes ás d'este. Onde nós encontrámos azas semelhantes foi em um vaso neolithico do proximo dolmen do Cabeço dos Moinhos (2). Semelhante vimos nós em ceramica da *Cueva de la Mujer*, Granada, existente no Museu Archeologico Provincial de Sevilha.

Estes factos e os de os fragmentos terem sido encontrados sobre o entulho que envolvia as ruinas do dolmen, e de todo o espolio funerario haver sido retirado para fora d'este pelos profanadores, e ainda a ausencia de qualquer outro objecto que reconhecidamente indicasse a civilização do Crasto, persuadem-nos que o nosso vaso saiu do mesmo dolmen.

A peça vai representada na fig. 1. A parte que se acha dividida por traços foi restaurada com os fragmentos encontrados e que nos deram as linhas gerais da forma. Apenas algumas faltas foram preenchidas a barro cru. A parte inferior que contém o fundo foi toda refeita a barro cru (3).

Para esta restauração hypothetica do fundo guiamo-nos pela curvatura inferior do vaso, tendo tambem em vista um fragmento de outro vaso, que lhe estava associado, com fundo chato. Esta especie de fundo não é muito rara na ceramica neolithica da região, sobretudo nos vasos de maiores dimensões. Appareceram exemplares no proximo dolmen do Cabeço dos Moinhos (4).

A pasta é negra, apresentando nalguns pontos minusculos fragmentos de spatho calcareo, avermelhado aqui e alli na superficie externa e trabalhado á mão. A sua espessura é de 0,<sup>m</sup> 006 a 0,<sup>m</sup> 008. A altura

---

(2) *Ibidem*, p. 175, fig. 280, est. XX.

(3) Encontra-se descrita no *Catálogo do Museu*, 1905, p. 44, sob o N.º 4738. Foi das poucas peças do Museu, que o sismo de 28 de Fevereiro, p. p., danificou, pelo que foi logo restaurada, e fotografada, para ilustrar este estudo.

(4) «*Antiguidades Pré-históricas do Concelho da Figueira*», 1949, pp. 175-176. Este dólmen situava-se a 1075 metros E., 95 graus Leste do marco geodésico da Cumieira.



Fig. 1

mede 0,<sup>m</sup> 35. Do bordo à extremidade inferior da parte antiga do vaso mede 0,<sup>m</sup> 33, e até á aza da direita 0,<sup>m</sup> 22.

Esta aza tem um desenvolvimento de 0,<sup>m</sup>06 e apresenta a forma de crescente (5).

O bordo é vertical. No diametro externo da boca mede 0,<sup>m</sup> 185. O bojo, de forma ovoide, mede no maior diametro 0,<sup>m</sup> 24.

Este tipo de vasos pouco bojudos, esguios e de fundo chato, parece raro. Podemos apenas aproximar-lhe um exemplar recolhido nas grutas de Alcobaça (6) e outro encontrado nos Pyrenneus (7).

Semelhante forma também não é inteiramente extranha á idade do ferro, em França (8).

(5) *Der Neolithische Fundplatz von Possanco bei Comporta/Portugal*, por Leonel Ribeiro e Edward Sangmeister, 1967, est. 3 a 6.

(6) *Portugalia*, Tomo I, Fasc. 3.º, fig. 150, est. XIX. Inseto no estudo de M. Vieira da Natividade — «Grutas de Alcobaça — Materiais para o Estudo do Homem», 1900. Citação do Autor.

(7) *Les Tumulus du Plateau de Gér*, par Général Pothier, 1900, p. 57, fig. 12. Citação do Autor.

(8) *La France Préhistorique*, par Émile Cartailhac, 1889, p. 259, fig. 132. Citação do Autor.



### III

#### ENTERRAMENTOS DE COCORAS ENTRE AS TRIBUS NEOLITHICAS DO VALLE DO MONDEGO

O selvagem neolithico tinha crenças religiosas. Provam-no os amuletos, as sepulturas, a pratica da trepanação, as esculpturas anthropomorphas de certas grutas, monumentos sepulcraes e outros factos observados pelos archeologos.

As sepulturas, com o seu mobiliário, são as manifestações mais interessantes d'essas crenças. Ellas demonstram que um outro mundo se abria aos mortos, e que nesta esphera sobrenatural elles careciam das mesmas cousas que eram necessarias aos vivos. Prestar-lhes todos os cuidados, para que os seus corpos não fossem violados, e elles partissem providos do necessario era o fim principal d'esse culto primitivo, que attribuia naturalmente poderes sobrenaturaes aos seres que viviam no mundo das sombras, e que phantasiava tornal-os propicios aos vivos.

O modo de inhumar os cadaveres não devia ser extranho ás crenças religiosas d'estes povos. Se algum rito existia entre elles, só pode naturalmente explicar-se pelo modo como elles imaginavam a vida futura.

Assim, a pratica relativa á posição dos corpos interessa ao estudo das religiões primitivas, e é sob este ponto de vista que nós vamos fazer a enumeração dos factos que temos observado nas nossas explorações.

Quando exploramos o cisto de pedra da Asseiceira <sup>(1)</sup>, freguesia de Brenha, pequena caixa feita de lages, que não media mais de 0,<sup>m</sup> 15

---

(1) *Antiguidades Pré-históricas do Concelho da Figueira*, por António dos Santos Rocha, 1949, p. 66 a 74.

no comprimento, e 0,<sup>m</sup> 52 na largura, e que continha dentro o esqueleto d'um adulto e outro d'um adolescente, pareceu-nos que os corpos tinham sido dobrados pelas articulações e alli collocados de cocoras.

De facto em tão pequeno espaço era impossivel a inhumação horizontal; por outro lado, a posição dos ossos e o estado do entulho indicavam que os corpos dobrados tambem não pareciam sido collocados sobre as costas, de lado ou de bruços.

Explorando depois o dolmen de Santo Amaro da Serra (freguesia de Quiaios) <sup>(2)</sup> adquirimos a certeza d'esse modo de inhumação. Em dois depositos virgens de remeximentos, os ossos de cada esqueleto estavam agglomerados contra os suportes do monumento, ocupando espaços não superiores a 0,<sup>m</sup> 50 de diametro, e os ossos illiacos formavam a base de cada deposito. Bem vedes que só a inhumação de cocoras podia dar semelhante resultado.

Afinal, nas explorações posteriores, sempre que nos appareceram depositos ou porção d'elles virgens de remeximentos, a agglomeração dos ossos de cada esqueleto veio confirmar a nossa hypothese. Assim succedeu nos dolmens da Capella <sup>(3)</sup> Cabecinha, <sup>(4)</sup> e Cabecinha Grande <sup>(5)</sup>.

Desde então, o facto da inhumação de cocoras nos pareceu adquirido para a sciencia. Mas seria este uso restricto ao povo ou tribu da grande necropole neolithica da Serra do Cabo Mondego, a que pertenceram todas essas sepulturas, ou estender-se-ia a outros povos contemporaneos, que habitaram no Valle do Mondego?

<sup>(2)</sup> *Ibidem*, p. 189 a 194.

<sup>(3)</sup> *Ibidem*, p. 287 a 293. Este megálito situava-se a 1325 metros N E, 62 graus Leste do marco geodésico da Vela.

<sup>(4)</sup> *Ibidem*, p. 303 a 317. Este megálito situava-se a 2000 metros E S E, 118 graus Leste do marco geodésico das Alhadas.

<sup>(5)</sup> *Ibidem*, p. 317 a 324. Este megálito situava-se a 900 metros N E, 52 graus Leste do marco geodésico do Minhoto.

A descoberta da necropole neolithica da Caverna dos Alqueves, proxima de Coimbra, (6) respondeu a esta duvida.

Deveis estar lembrados, pela comunicação que tive a honra de apresentar-vos sobre esta descoberta, que alli se recolheram tambem provas inequivocas de que os cadaveres haviam sido enterrados de cocoras; e no nosso Museu está uma brecha ossifera, (7) que falla mais eloquentemente do que todas as demonstrações.

Esta uniformidade de ritual não deve surprehender em povos que viviam nas margens do Mondego, a distancia de algumas dezenas de kilometros, no mesmo estado de civilização, e que mantinham relações entre si, como provam os restos de conchas marinhas (*Triton Nodiferus*) encontrados na referida caverna.

Ella existiu entre outros povos, que habitaram na mesma epocha, regiões mais afastadas do nosso territorio, e até se acha generalizada por paises longinquos. Estacio da Veiga notou-a no Algarve e Maximiano Apollinario, na necropole neolithica do Valle de S. Martinho, nos arredores de Cintra. Sabios estrangeiros a assignalaram em outros paises da Europa, como França, a Suissa e a Inglaterra (8).

---

(6) *Portugalia*, Porto, I, 2, 1900, p. 333 a 338; *Gazeta da Figueira*, IX, (921), p. 3, de 22.XII. 1900; *Arquólogo Português*, Lisboa, XIII, 7-12, p. 197 a 199, 1908; *A Jazida Pré-histórica da Eira Pedrinha*, 1949, p. 27, por António Mendes Correia e Carlos Teixeira; *A Caverna dos Alqueves — Aros de Coimbra*, 1951, por António Mesquita de Figueiredo.

(7) *Portugalia*, Porto, I, 2, 1900, p. 338 — «Notas sobre os Restos Humanos da Caverna Neolítica dos Alqueves», por Ricardo Severo e Fonseca Cardoso; *Catálogo Geral do Museu*, 1905, p. 60, por A. Santos Rocha, sob o N.º 2716.

(8) Na necrópole neolítica de Chamblandes, cantão de Vaud (Suíça), os mortos eram encolhidos e deitados sobre o lado esquerdo. *L'Anthropologie*, XII, 3-4, p. 273 a 274. Citação do Autor.

#### IV

### A FORMA TRAPEZOIDAL EM SEPULTURAS PRÉHISTÓRICAS E PROTO-HISTÓRICAS EM PORTUGAL

Em Portugal, como na França, (1) a forma trapezoidal não é inteiramente estranha ás sepulturas neolíticas. Temos exemplares notáveis nos megalithos algarvios de Nora (2) e do Serro do Castello (3).

Na epoca cupro-lithica ou de transição para o metal apparece em sepulturas de Odemira e de Villa Nova de Milfontes (4).

Em plena idade do cobre está representada em um cisto da necropole algarvia de Alcaria do Pocinho (5).

Da primeira idade do ferro não faltam exemplares nos cistos da necropole da Fonte Velha, em Bensafrim (6).

Ligeiramente trapezoidaes eram as sepulturas de lages brutas de Ferrestello, (7) proximo de Santa Olaya, que nós pensamos serem da segunda idade do ferro, e com forma trapezoidal mais acentuada à sepultura descoberta debaixo do pavimento da villa romana de N. S. do Desterro, em Montemor-o-Velho (8).

Sepulturas rectangulares em Ferrestello eram feitas com telhas romanas. Estavam revestidas no fundo com tres *tegulae*, precisamente

---

(1) *Musée Préhistorique*, par Gabriel et Adrien de Mortillet, 1881, est. 58, fig. 559 e 562; *La France Préhistorique*, par Émile Cartailhac, 1889, p. 209, p. 83, pp. 219-220.

(2) *Antiguidades Monumentais do Algarve*, por Sebastião Filipes Martins Estácio da Veiga, 1886, I, est. 12, N.º 1, p. 249.

(3) *Ibidem*, I, pp. 292-293; IV 1891, est. 16; *Les Âges Préhistoriques de L'Espagne et du Portugal*, par A. de Quatrefages, 1886, p. 165.

(4) *Antiguidades Monumentais do Algarve*, 1891, IV, est. 11, fig. 5, pp. 140 a 143.

(5) *Ibidem*, est. 13, fig. R., p. 119.

(6) *Memorias sobre a Antiguidade*, por A. Santos Rocha, 1897, p. 146.

(7) *Boletim da Sociedade Archeológica Santos Rocha*, I, 7, 1908, pp. 199 a 201.

(8) *Memórias sobre a Antiguidade*, p. 247. *Portugalia*, I, 3, 1901, pp. 596 a 598.

como a de Molião, perto de Lagos, pertencente ao 3º seculo da nossa era, e como muitas da propria Italia (9).

A forma trapezoidal sobrevive em sepulturas excavadas no granito da necropole da Moirama, em Celorico, que parece ter pertencido a um povo em via de romanização (10), e em sepulturas das necropoles algarvias de Marim, e de Marateca, onde appareceu o vaso romano funerario (11).

Trapezoidal é uma sepultura romana que nós descobrimos, no Serro de Bartholomeu Dias, freguesia da Mexilhoeira Grande, por detrás da casa de habitação alli existente, e que ainda lá deve encontrar-se. Media no comprimento 1,ª 55, na largura do lado norte 0,ª 80, e do lado sul 0,ª 50, e na profundidade 0,ª 90. Tinha os angulos arredondados e era toda revestida de *opus signinum*. Estava profanada até ao fundo; mas nós ainda recolhemos no entulho alguns fragmentos de vasos funerarios de vidro, caracteristicos de praticas pagãs (12).

E trapezoidaes são ainda hoje, no concelho da Figueira, as sepulturas simplesmente abertas na terra: a mesma forma subsiste sempre.

Ao mesmo tempo, a forma rectangular atravessa tambem os tempos christãos até aos nossos dias. Encontra-se tanto em sepulturas visigodas, (13) como em sepulturas de lages brutas que descobrimos no serro da Fonte de Cabanas, a O de Brenha, pertencentes ao seculo XV ou XVI, (14) ou no cemiterio actual de Portunhos, concelho de Cantanhede. D'estas sepulturas se usa ainda hoje, na Cordinhã; e ainda hoje, tambem, no concelho da Figueira são rectangulares as sepulturas revestidas com alvenaria.

(9) *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, I, 3, 1906, pp. 103 a 105.

(10) *Ibidem*, pp. 101-102.

(11) *Memórias sobre a Antiguidade*, pp. 168 a 170, 220-221.

(12) A propósito de vasos funerários de vidro, vide o exaustivo estudo dos Drs. Jorge de Alarcão e Adília Moutinho de Alarcão: — Vidros Romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz —, ... que constituem uma colecção rica, quer arqueológica, quer museologicamente (sic), in *Revista de Guimarães*, LXXIV, 1-2 1964, pp. 79 a 116, com 4 est.

(13) *Memórias das Antiguidades de Mértola*, por Sebastião Filipe Martins Estácio da Veiga, 1880, p. 121; *Étude sur les Sepultures Barbares du Midi et de L'Ouest de la France*, par C. Barrière — Flavy, 1892, p. 135.

(14) *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, I, 8, 1908, p. 227.

V

NOVAS PESQUISAS NO MEGALITHO DA CUMIEIRA

Nas *Antiguidades Prehistoricas* <sup>(1)</sup>, demos noticia das ruínas d'um dolmen no sitio da Cumieira, na O de Brenha, no alto da Serra, e de alguns objectos neolithicos esparsos no terreno contiguo, que nós mal pudemos explorar por causa das culturas.

Depois, em sessão da Sociedade Archeologica de 24 d'outubro de 1898, comunicamos o facto do apparecimento d'uma ponta de dardo de cobre, que se dizia encontrada pelo proprietario em uma parte das ruínas do mesmo monumento, que se achava soterrada no solo aravel <sup>(2)</sup>.

Agora podemos affirmar que as ruínas são na verdade muito mais consideraveis do que nos haviam parecido da primeira vez. Um nosso amigo de Brenha, sr. Anselmo d'Oliveira Cardoso <sup>(3)</sup>, moço intelligente e dedicado ao Museu, comunicou-nos a descoberta recente d'umas pedras que nós não conheciamos e dos fragmentos d'um vaso de barro e alguns ossos humanos encontrados entre ellas. Isto levou-nos a pedir autorização ao actual proprietario para explorarmos livremente todo o terreno que nos fosse necessario para descobrir completamente as ruínas; e em um dia de Junho de 1909 estavamos no local a dirigir os trabalhos, na companhia do sr. Cardoso, que se prestou a auxiliar-nos.

---

(1) Edição de 1949, pp. 10 a 13, est. I, fig. 1 e pp. 104-105.

(2) *Portugalia*, I, p. 341.

(3) Natural de Brenha, onde veio a falecer a 29.VIII.1954.

Puzémos então a descoberto as ruínas d'uma galeria com o comprimento de 3,<sup>m</sup> 30, a largura maxima de 0,<sup>m</sup> 80, e um unico suporte da camara sepulcral, como se vê na planta da fig. 1.

O eixo maior do monumento estava orientado de S E a N O, e a entrada era pelo S E.

Só dois dos suportes eram de grés. Os restantes eram de calcareo local. A sua espessura regulava por 0,<sup>m</sup> 15 a 0,<sup>m</sup> 25.

O entulho, mixto de terra da superficie e de terra gordurosa, que estivera em contacto com os cadaveres, denotava um remeximento profundo até ao solo duro que formava o fundo do dolmen. Nenhum vestigio do revestimento d'este fundo com lages, a não serem talvez algumas pequenas pedras chatas de calcareo, que se encontraram disseminadas.

Appareceram carvões vegetaes, alguns fragmentos d'ossos humanos e varios objectos do mobiliario funebre, que em seguida vamos mencionar.

— Uma ponta de setta de cobre, que representamos, em tamanho natural, na fig. 2 (4). A sua fórmula é a reprodução da que temos encontrado em pontas de quartzo ou de silex (5).

Este objecto confirma a hypothese de ser o monumento da Cumieira pertencente ao periodo de transição do neolithico para o metal; e indica que muito provavelmente serão do mesmo periodo todos os outros dolmens da Serra do Cabo Mondego, posto que não nos tenham fornecido o cobre.

— Um machado de chisto amphibolico, com fórmula trapezoidal, secção quadrangular, imperfeitamente polido nas faces maiores, gume bem afiado e ligeiramente obliquo em relação á linha media longitudinal. Mede no comprimento 0,<sup>m</sup> 16, na largura do gume 0,<sup>m</sup> 037 e na espessura maxima 0,<sup>m</sup> 035. Fig. 3 (6).

— Uma *herminette*, feita de rocha branca, polida, achatada, com fórmula trapezoidal, gume convexo e regular, bem afiado.

---

(4) *Catálogo Geral do Museu, 3.º Aditamento, manuscrito, sob o N.º 8966.*

(5) *Antiguidades Pré-históricas do Concelho da Figueira, 1949, p. 345, est. XXII fig. 326.*

(6) *Catálogo Geral do Museu, 3.º Aditamento, manuscrito, sob o N.º 8968.*

Mede no comprimento 0,<sup>m</sup> 095, na largura do gume 0,<sup>m</sup> 05 e na máxima espessura 0,<sup>m</sup> 01. Fig. 4 (7).

— Duas facas, uma de jaspe e outra de silex, ambas de secção trapezoidal, medindo no comprimento 0,<sup>m</sup> 122 e 0,<sup>m</sup> 1. Fig. 5 e 6 (8).

— Uma taça hemispherica de barro, restaurada em parte, de typo muito vulgar nos dolmens da região. Fig. 7. Mede de diâmetro externo da base 0,<sup>m</sup>12. A pasta é negra, impura, mal cosida, e por conseguinte muito fragil (9).

— Dois fragmentos d'outro vaso com a mesma forma, mas de pasta mais pura e melhor cosida, alisada nas superficies, e com vestigios d'ornamentação incisiva. Fig. 8 e 9 (10). O ornato pertence manifestamente ao typo de ceramica de Palmella (11).

— Duas conchas de *Triton Nodiferus*, sem as primeiras voltas da espira, indicando terem servido de tuba.

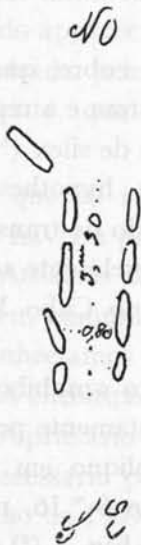


Fig. 1

(7) *Ibidem*, sob o N.º 8967.

(8) *Ibidem*, sob os N.ºs 8962-8963.

(9) *Ibidem*, sob o N.º 8973.

(10) *Ibidem*, sob os N.ºs 8964-8965.

(11) *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, I, 3, 96-97. As Grutas de Palmella por Pedro Belchior da Cruz.



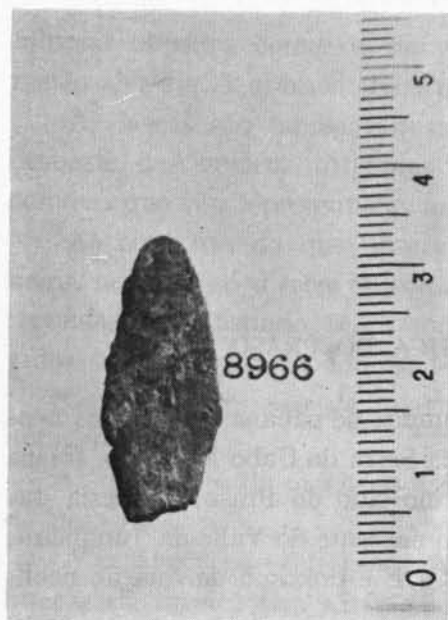
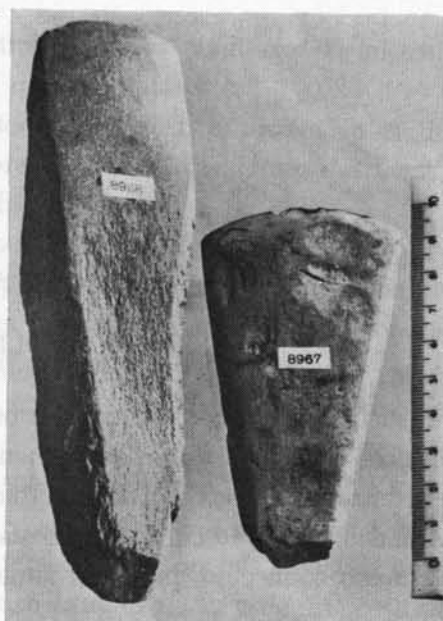
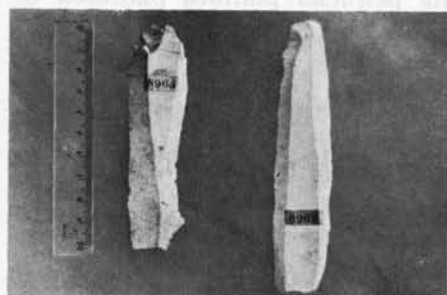


Fig. 2



Figs. 3 e 4



Figs. 5 e 6

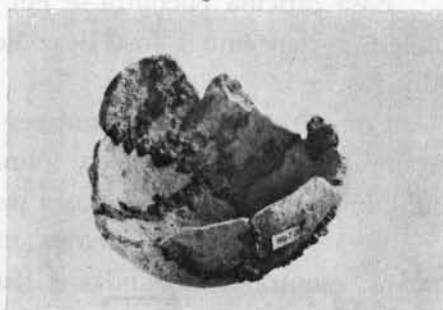


Fig. 7

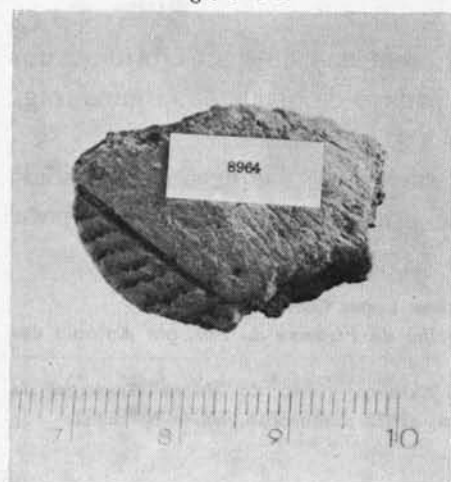


Fig. 8



Fig. 9

## VI

### OFFICINA NEOLITHICA DO PRASO

Procurando constantemente os fundos de cabanas dos povos neolithicos que construíram os dolmens da Serra do Cabo Mondego, fomos encontrar uma nova officina lithica, no sitio do Praso, freguesia das Alhadas, quasi no cimo da encosta do nascente do Valle da Junqueira, já nosso conhecido, por ficar situado a E e proximo da estação neolithica do mesmo nome.

Essa officina encontra-se em uma pequena planura plantada de pinhal, pertencente a José Braz Fernandes, <sup>(1)</sup> do Casal da Serra das Alhadas.

Como nas estações similares da Varzea do Lirio, Junqueira e Arneiro <sup>(2)</sup>, foi estabelecida sobre areia, facto notavel que deve ter influido no modo de trabalhar a pedra.

Está entre águas correntes, umas que descem pelo Valle da Junqueira, e outras que, vindas da fonte do Casal da Serra, descem pelo valle que fica ao nascente do Valle da Junqueira. Esta estação só é rica em rebotalhos de silex.

Recolhemos mais de 20 nucleos, centenas de lascas brutas, um percutor inteiro e um fragmento, um pedaço de machado, alguns fragmentos de ceramica e carvões vegetaes <sup>(3)</sup>

Os nucleos são quasi todos de silex e de pequenas dimensões. Um só é de quartzo. Evidentemente estes nucleos só serviam para

---

<sup>(1)</sup> Hoje, este pinhal pertence a Francelina Lopes Coelho.

<sup>(2)</sup> *Antiguidades Pré-históricas do Concelho da Figueira da Foz*, por António dos Santos Rocha, 1949, pp. 74-194-337.

<sup>(3)</sup> Recenseados no 3.º Aditamento ao *Catálogo Geral do Museu Municipal da Figueira da Foz*, por António dos Santos Rocha, ainda manuscrito, sob o N.º 8982.

fabricar objectos como os das outras estações similares da mesma região. Na fig. 1 apresentamos um dos exemplares.

As lascas são também quasi todas de silex e provenientes do desbaste dos nucleos. Algumas apresentam os caracteres das facas, como as que vão representadas nas fig. 2 e 3 (\*).

Ao contrario do que observamos na Varzea do Lirio e no Arneiro, nem um só d'estes objectos apresenta caracteres d'um trabalho secundario, consistindo, sem retoques nas arestas, para serem aproveitados como serras, raspadores, punções, etc.

Os percutores são de quartzo e de quartzito e nada têm de notavel.

O fragmento de machado é de schisto polido, e pertence ao topo da peça (°).

A ceramica não differe da que temos recolhido nas estações neolithicas da região. Um só fragmento é ornamentado com impressões



Figs. 4 e 1



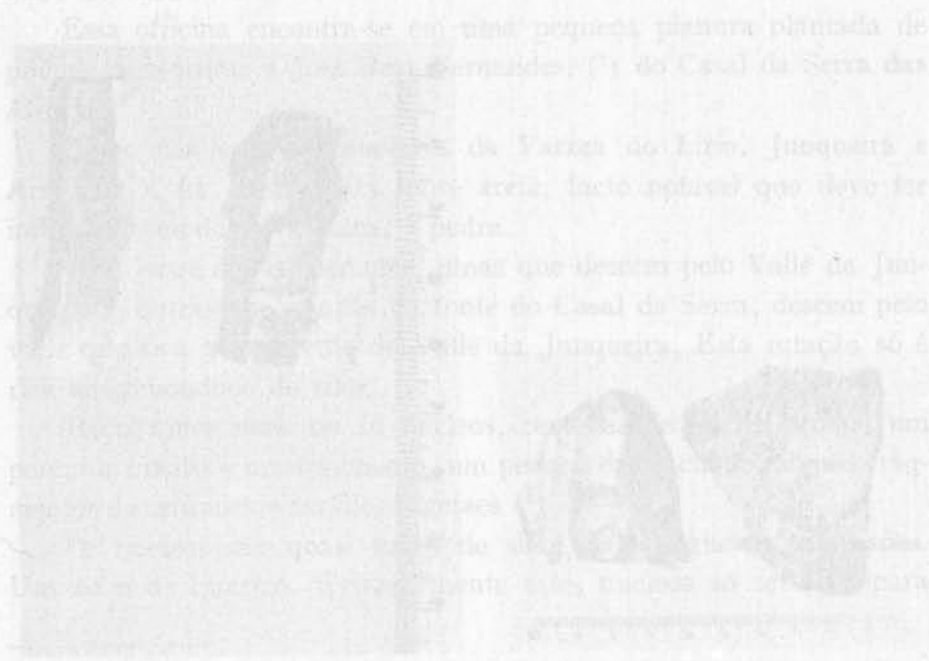
Figs. 2 e 3

(\*) *Idem, idem*, sob os N.ºs 8985 e 8986.

(°) *Idem, idem*, sob o N.º 8981.

geralmente de forma triangular, dispostas por grupos, e uniformemente distanciadas entre si. Parecem ter sido feitas com um objecto em forma de pente e pertencer à classe dos ornatos chamados *di pyramidette*, fig. 4.

Esta estação está circunscripta a uma area de alguns metros quadrados apenas. Tendo feito sondagens em volta d'ella, os silex apparecem-nos raramente. Evidentemente foi assento de trabalhos simultaneos de dois a tres obreiros somente, ou do mesmo obreiro durante um certo tempo.



- (1) Boje, por pedra, pertence a *Phacelina luteo-fulva* L., 1837.  
 (2) *Phacelina luteo-fulva* L., 1837, por António dos Santos Rocha, 1949, pag. 74-75-77.  
 (3) *Phacelina luteo-fulva* L., 1837, por António dos Santos Rocha, 1949, pag. 74-75-77.

## VII

### ESTAÇÃO NEOLITHICA DO MONTE GORDO

Assinalamos esta interessantissima estação em fins de fevereiro de 1901 <sup>(1)</sup>; e d'ella deu noticia o nosso fallecido consocio e collega no Museu, Pedro Belchior da Cruz <sup>(2)</sup>, em o n.º 2 do nosso Boletim, onde foi relacionado o mobiliario até então alli recolhido <sup>(3)</sup>.

A descoberta d'uma aldeia neolithica é caso raro em Portugal, onde geralmente só se procuram os dolmens e as cavernas; e por isso nós nunca mais perdemos de vista o sitio. A estação está completamente destruida dentro do predio do nosso consocio D.<sup>or</sup> Jozé Jardim <sup>(4)</sup>, mas, sempre, por ocasião da amanha da vinha, apparece algum novo vestigio á superficie do solo; e nós temos prevenido os guardas do predio para nada deixarem perder. Assim temos conseguido augmentar o espolio que alli deixaram os selvagens da epocha neolithica.

Suspeitavamos pela descoberta d'um fundo de cabana que se prolongava pelo caminho publico que limita o predio ao nascente, ter-se

---

<sup>(1)</sup> Desta descoberta deu, de facto, noticia o A., in «*Gazeta da Figueira*», X, (943), p. 1, de 9-III-1901, em artigo intitulado — Uma Aldeia da Idade da Pedra —, localizando a estação, próximo de Caceira, a uns 300 metros para sul do cruzamento da linha férrea com a estrada de Coimbra (sic).

<sup>(2)</sup> Pedro Belchior da Cruz foi professor de ensino complementar, cerca de dez anos na nossa cidade, e aqui veio a falecer, na madrugada do dia 6.XI.1903. No *Relatório da Gerência da Sociedade Arqueológica Santos Rocha — 1903-1904 —*, datado do dia 9 de Outubro de 1904, o fundador do Museu escrevia: — «Este moço, pela sua intelligência e dedicação ao trabalho, era uma das nossas melhores esperanças... a sua perda, em tão pequenino meio, como o nosso, onde não abundam os operários da ciência, é um verdadeiro desastre, sobretudo para os serviços do nosso Museu».

<sup>(3)</sup> *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, I, 2, 1904, pp. 51-52.

<sup>(4)</sup> O Dr. José Jardim era cunhado do A.; e o prédio referido, hoje um eucaliptal, pertence a José Maria Alves, da Serra das Alhadas.

estendido o povoado sobre os terrenos contíguos, situados além do mesmo caminho, mas não tínhamos recolhido vestígios alguns. Agora começam estes a apparecer nas vinhas proximas; e nós vimos dar-vos noticia d'um precioso objecto que d'alli nos veio ás mãos.

Está representado na fig. 1. É feito de schisto amphibolico, de secção quadrangular, sómente polido em uma das extremidades; e mede no comprimento 0,<sup>m</sup> 31 e na largura e espessura maxima 0,<sup>m</sup> 35 e 0,<sup>m</sup> 04 (5).

Este bello exemplar termina em cada lado por um pequeno gume, medindo apenas 0,<sup>m</sup> 008 e 0,<sup>m</sup> 01, quasi em forma de ponta. É uma verdadeira picareta, sem duvida destinada a excavar a terra ou as rochas brandas.

Nós não conhecemos objecto que mais se aproxime d'elle do que a magnifica peça proveniente de Cortiçô, concelho de Celorico, de que demos noticia no n.º 6 do nosso Boletim (6). Apresenta a mesma fórma, differindo apenas nas dimensões e na polidura e em que o exemplar da Beira tem uma das extremidades m ponta aguda.

No predio do nosso consocio D.<sup>or</sup> Jozé Jardim, onde estava provavelmente a maior parte do povoado, abundam os restos de ceramica e os objectos de pedra. Na fig. 2 representamos, na grandeza natural, um fragmento de louça ornamentada com traços gravados (7); e nas fig.<sup>as</sup> 3 e 4, em metade da grandeza dois fragmentos de vasos de bordo vertical. A pasta d'esta louça é negra e impura, mais ou menos avermelhada nas superficies, e manifestamente trabalhada á mão (8).

Nas fig.<sup>as</sup> 5 a 9 representamos trez fragmentos longitudinaes de machados polidos, com secção quadrangular, em fórma de cunha, tendo dois d'elles o gume perfeitamente afiado e obliquo, e o outro o gume gasto; um machado inteiro do mesmo tipo e um instrumento em forma

(5) *Catálogo Geral do Museu*, por António dos Santos Rocha. Aditamento N.º 2, 1909, p. 7, sob o N.º 8859.

(6) *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, I, 6, pp. 171 a 173 e *Catálogo Geral do Museu*, 1905, p. 25, sob o N.º 7671.

(7) *Catálogo Geral do Museu*, 1905, p. 48, sob o N.º 1540.

(8) *Ibidem*, sob o N.º 2190.

de machado, tendo, em vez de gume, uma superfície convexa e polida. Todos estes objectos são feitos de schisto amphibolico <sup>(9)</sup>.

O ultimo é vulgar na nossa região, como os outros; mas não se encontra nos dolmens. Nós já em outro lugar nos occupamos d'elles <sup>(10)</sup>, e continuamos a pensar que seriam afiadores ou polidores.

Entre as peças de silex notam-se as das figs. 10, 11, 12. As duas primeiras apresentam as arestas inteiramente abatidas, indicando um longo trabalho de pressão. Deviam ter servido de retocadores. A terceira é uma laminasinha de faca com retoques, indicando o destino de raspador <sup>(11)</sup>.

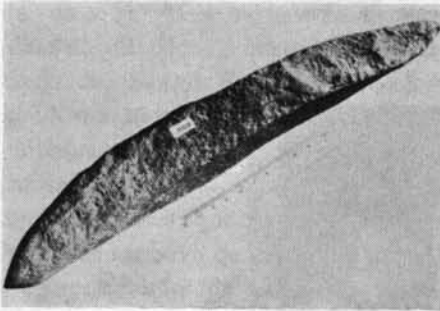


Fig. 1

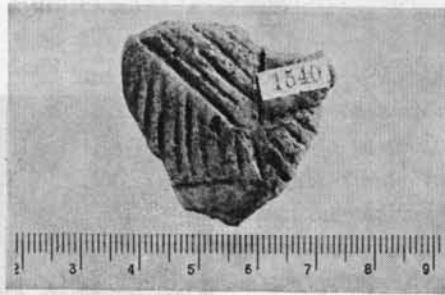
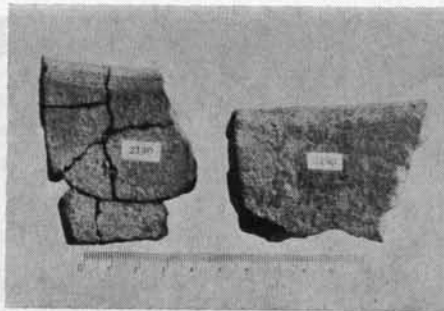


Fig. 2



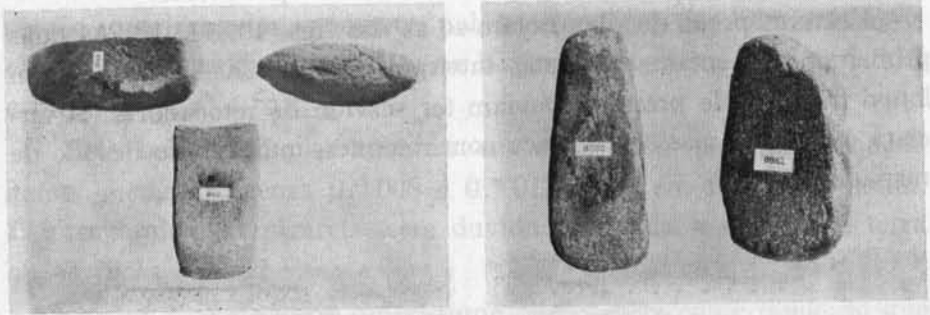
Figs. 3 e 4

<sup>(9)</sup> *Idibem*, Aditamento N.º 2, 1909, pp. 8-9, sob os N.ºs 8860 a 8862 e 8703.

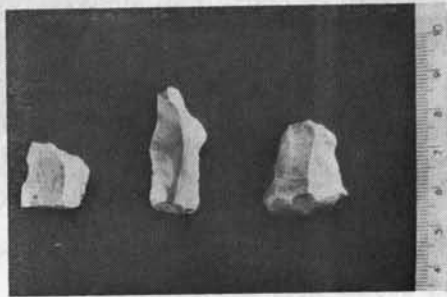
<sup>(10)</sup> *Antiguidades Pré-históricas do Concelho da Figueira* por António dos Santos Rocha, 1949, pp. 25-17, fig. 19, e pp. 346-385.

<sup>(11)</sup> *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, I, 2, 1909, pp. 281 a 284.

Esta estação dista menos de um kilometro do dolmen do Casal da Matta <sup>(12)</sup>. Devia, pois, ter alli habitado uma das tribus que sepultaram os seus mortos na grande necropole que ocupava a cumiada da Serra, entre o Cabo Mondego e casal de S. Bento.



Figs. 5 a 9



Figs. 10 a 12

### RESUMO

Estas *Notícias arqueológicas* só não foram lidas, na Sessão Plenária da Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz, de Abril de 1910 pelo seu Autor, porque a morte o surpreendeu, em 30 de Março, anterior.

Em todas elas, Santos Rocha dá conta de sua operosidade, nas pesquisas arqueológicas, em que foi Mestre. Pela variedade dos assuntos versados, é de destacar um invulgar sentido de objectividade, minúcia e rigor na descrição, probidade intelectual e espírito científico.

Com a publicação destas Comunicações, que um acaso feliz nos trouxe às mãos, julgamos ter prestado, a um tempo, um bom serviço à ciência arqueológica portuguesa e à memória dum dos seus melhores servidores.

(12) Este megálito situava-se a 900 metros N E, 42 graus Leste do marco geodésico do Minhoto.